

São Paulo, 8 de janeiro de 2019

NOTA À IMPRENSA

Valor da cesta básica aumenta em todas as capitais em 2018

Em 2018, o valor da cesta básica aumentou nas 18 capitais do país onde o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) realizou mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. As altas mais expressivas, entre dezembro de 2017 e 2018, foram registradas em Campo Grande (15,46%), Brasília (14,76%) e Belo Horizonte (13,03%). As menores variações positivas ocorreram em Recife (2,53%) e Natal (3,09%).

Entre novembro e dezembro de 2018, o valor da cesta subiu em 15 cidades, com destaque para Goiânia (5,65%), Salvador (4,13%) e Natal (2,77%). As quedas foram observadas em três capitais: Fortaleza (-3,48%), Vitória (-1,17%) e São Luís (-0,40%).

Em dezembro de 2018, o maior custo do conjunto de bens alimentícios básicos foi apurado em São Paulo (R\$ 471,44), seguido por Rio de Janeiro (R\$ 466,75), Porto Alegre (R\$ 464,72) e Florianópolis (R\$ 457,82). Os menores valores médios foram observados em Recife (R\$ 340,57), Natal (R\$ 341,40) e Salvador (R\$ 343,82).

Com base na cesta mais cara, que, em dezembro, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em dezembro de 2018, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 3.960,57**, ou 4,15 vezes o mínimo de R\$ 954,00. Em novembro, o mínimo necessário correspondeu a **R\$ 3.959,98**, ou 4,15 vezes o piso vigente. Em dezembro de 2017, o salário mínimo necessário foi de R\$ **3.585,05**, ou 3,83 vezes o piso em vigor, que equivalia a R\$ 937,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 18 capitais
Brasil – dezembro e ano de 2018

Capital	Variação Anual (%)	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho
Campo Grande	15,46	0,49	422,88	48,18	97h31m
Brasília	14,76	1,16	435,83	49,66	100h31m
Belo Horizonte	13,03	1,69	408,71	46,57	94h15m
Curitiba	11,76	0,63	419,05	47,75	96h38m
Rio de Janeiro	11,47	1,41	466,75	53,18	107h38m
São Paulo	11,09	0,01	471,44	53,71	108h43m
Florianópolis	9,37	0,65	457,82	52,16	105h35m
Porto Alegre	8,90	0,35	464,72	52,95	107h10m
Salvador	8,58	4,13	343,82	39,17	79h17m
Fortaleza	8,13	-3,48	397,34	45,27	91h38m
Goiânia	7,81	5,65	388,86	44,31	89h40m
Belém	7,19	2,71	382,31	43,56	88h10m
São Luís	5,77	-0,40	353,40	40,27	81h30m
Aracaju	5,51	2,57	358,75	40,87	82h44m
Vitória	4,83	-1,17	403,79	46,01	93h07m
João Pessoa	4,76	1,71	345,21	39,33	79h37m
Natal	3,09	2,77	341,40	38,90	78h44m
Recife	2,53	2,12	340,57	38,80	78h32m

Fonte: DIEESE

Cesta x salário mínimo

Em dezembro de 2018, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 92 horas e 17 minutos. Em novembro, a jornada necessária foi calculada em 91 horas e 13 minutos. Em dezembro de 2017, quando a pesquisa era feita em 21 capitais, a média foi de 86 horas e 04 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em dezembro, 45,59% do rendimento para adquirir os mesmos produtos que, em novembro, demandavam 45,07%. Em dezembro de 2017, quando a pesquisa era feita em 21 capitais, a média foi de 42,52%.

Comportamento dos preços dos produtos da cesta em 2018¹

Em dezembro de 2018, os preços médios do leite integral, tomate, pão francês, carne bovina de primeira, arroz agulhinha e batata, pesquisada na região Centro-Sul, apresentaram aumento na maior parte das cidades pesquisadas, na comparação com dezembro de 2017. Já o café em pó e o açúcar tiveram taxas negativas na maioria das capitais.

O preço do leite integral, em 2018, subiu devido à menor oferta e à disputa de matéria-prima por parte das indústrias de laticínios. Nas 18 cidades pesquisadas, a alta acumulada variou entre 0,38%, em Porto Alegre, e 28,38%, em Goiânia.

Todas as cidades acumularam alta no preço do tomate. As maiores taxas foram observadas em Florianópolis (117,38%), Rio de Janeiro (113,28%), Belo Horizonte (110,34%), Brasília (103,80%) e Curitiba (102,87%). Apesar da oscilação ao longo do ano, o preço médio do fruto foi maior em 2018. A oferta esteve reduzida, devido à diminuição da área plantada e ao clima seco, que propiciou o aparecimento de pragas.

O quilo do pão francês ficou mais caro em 17 capitais, entre dezembro de 2017 e 2018. Houve queda somente em Salvador (-0,66%). As altas oscilaram entre 4,60%, em São Luís, e 16,15%, em Natal. Os aumentos nas cotações da farinha de trigo, devido à importação do grão e à desvalorização da moeda brasileira diante do dólar, aliados à redução da qualidade do trigo brasileiro por causa do clima, explicam a elevação do preço do pão.

Em 2018, o valor do quilo da carne bovina de primeira aumentou em 15 capitais, com taxas que oscilaram entre 1,71%, em São Paulo, e 9,54%, em Campo Grande. As diminuições foram verificadas em Florianópolis (-1,79%), Belém (-1,51%) e São Luís (-0,53%). As exportações cresceram muito, principalmente no segundo semestre; e, apesar da demanda interna fraca, o ano fechou com elevação de preços no varejo.

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

O quilo do arroz agulhinha apresentou alta em 15 capitais. As maiores taxas foram observadas em Belém (21,02%), Campo Grande (15,60%), Brasília (14,72%) e Natal (13,13%). Em Porto Alegre, o preço médio não variou. Houve redução em Recife (-1,54%) e no Rio de Janeiro (-1,05%). A safra de arroz foi menor em 2018 e o volume exportado, maior. Apesar da diminuição do consumo interno ao longo do ano, a comercialização do grão foi lenta e dificultada pelo tabelamento dos fretes e pela postura dos orizicultores em esperar a valorização do arroz.

Em 2018, o preço médio do quilo da batata, pesquisada no Centro-Sul, aumentou em nove localidades, com taxas entre 2,09%, em Curitiba, e 22,08%, em Belo Horizonte. Em Vitória, foi registrada diminuição (-6,12%). A redução da área plantada e o clima seco elevaram o preço do tubérculo entre dezembro de 2017 e 2018.

O café em pó acumulou queda em 17 cidades, com variações entre -16,08%, no Rio de Janeiro, e -0,42%, em Florianópolis. A alta ocorreu em Aracaju (2,33%). A produção de 2018 bateu recorde de oferta e os preços se mantiveram baixos ao longo do ano.

O preço do açúcar diminuiu em 16 cidades em 2018, com variações entre -26,05% (Brasília) e -0,90% (Natal). As altas foram anotadas em Goiânia (24,67%) e São Luís (1,91%). Apesar da redução da produção de açúcar e do uso de boa parte da cana para elaboração do etanol, os preços domésticos se mantiveram baixos ao longo do ano.

Comportamento mensal dos preços dos produtos

Entre novembro e dezembro de 2018, o preço médio da batata, coletada nas regiões Centro-Sul, aumentou em todas as cidades, devido, principalmente, ao clima seco. O valor do óleo de soja aumentou em 16 capitais, porque parte do óleo bruto foi usada para a fabricação do biodiesel. Também a carne bovina de primeira, que está em período de entressafra e bateu recorde de exportação, teve o preço elevado em 15 cidades. O valor do leite integral, por sua vez, foi reduzido em 17 cidades, com a oferta crescente nos campos.

São Paulo

Em dezembro, a cesta básica na capital paulista quase não variou (0,01%) em relação a novembro e custou R\$ 471,44, o maior valor entre as 18 cidades onde o DIEESE realiza a pesquisa. Em 2018, os preços dos gêneros alimentícios aumentaram, em média, 11,09%.

Em 2018, nove produtos tiveram alta acumulada de preço: tomate (69,76%), farinha de trigo (28,86%), leite integral (16,10%), pão francês (10,34%), batata (10,06%), banana (8,19%), manteiga (7,59%), arroz agulhinha (4,14%) e carne bovina de primeira (1,71%). O preço do óleo de soja não variou. Já as diminuições de valor foram registradas no café em pó (-9,75%), feijão cariquinho (-4,16%) e açúcar refinado (-2,02%).

Entre novembro e dezembro, a alta do preço médio da batata (12,46%), do feijão cariquinho (6,49%), açúcar refinado (2,11%), carne bovina de primeira (0,60%), óleo de soja (0,58%) e banana (0,48%) mais que compensaram as reduções de valor do leite integral (-5,91%), tomate (-3,12%), café em pó (-2,08%), farinha de trigo (-1,56%), arroz agulhinha (-1,31%), manteiga (-0,60%) e pão francês (-0,16%).

Em dezembro de 2018, o trabalhador paulistano remunerado pelo salário mínimo comprometeu 108 horas e 43 minutos da jornada mensal para adquirir os gêneros essenciais, tempo semelhante ao de novembro, quando ficou em 108 horas e 42 minutos. Em dezembro de 2017, o tempo comprometido foi menor, de 99 horas e 38 minutos.

Quando comparados o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, a relação foi de 53,71%, em dezembro e novembro de 2018. Em dezembro de 2017, o percentual era de 49,23%.

O valor médio da cesta básica paulistana em 2018 foi de R\$ 444,49, o que correspondeu a um aumento de 2,21% em relação a 2017 (R\$ 434,88). A jornada média de um trabalhador remunerado pelo salário mínimo para a aquisição dos produtos foi de 102 horas e 50 minutos, maior que a registrada em 2017, quando ficou em 102 horas e 11 minutos. Já o percentual do salário mínimo total comprometido com a compra da cesta paulistana foi de 46,59%, em 2018, e de 46,41%, em 2017 (Tabela 2).

TABELA 2
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Comprometimento médio anual do salário mínimo total e jornada média anual necessária
para aquisição da cesta básica média anual
Município de São Paulo – 1959/2018

Ano	Cesta Básica x Salário Mínimo em %	Jornada de Trabalho Necessária	Ano	Cesta Básica x Salário Mínimo em %	Jornada de Trabalho Necessária
1959	27,12	65H 5 MIN	1989	77,88	171H 20 MIN
1960	33,96	81H 30 MIN	1990	92,42	203H 19 MIN
1961	29,96	71H 54 MIN	1991	74,79	164H 32 MIN
1962	39,50	94H 48 MIN	1992	85,56	188H 14 MIN
1963	40,97	98H 20 MIN	1993	78,07	171H 46 MIN
1964 ⁽¹⁾	-	-	1994	102,35	225H 10 MIN
1965	36,74	88H 10 MIN	1995	99,69	219H 18 MIN
1966	45,62	109H 15 MIN	1996	88,08	193H 46 MIN
1967	43,85	105H 14 MIN	1997	81,32	178H 56 MIN
1968	42,33	101H 35 MIN	1998	81,98	180H 22 MIN
1969	45,97	110H 20 MIN	1999	79,86	175H 42 MIN
1970	43,82	106H 11 MIN	2000	78,47	172H 38 MIN
1971	46,58	111H 48 MIN	2001	73,51	161H 42 MIN
1972	49,65	119H 09 MIN	2002	70,53	155H 10 MIN
1973	61,25	147H 00 MIN	2003	73,20	161H 04 MIN
1974	68,10	163H 26 MIN	2004	68,09	149H 48 MIN
1975	62,36	149H 39 MIN	2005	62,60	137H 43 MIN
1976	65,63	157H 30 MIN	2006	52,67	115H 53 MIN
1977	59,30	142H 19 MIN	2007	51,95	114H 17MIN
1978	57,34	137H 37 MIN	2008	57,68	126H 54 MIN
1979	63,78	153H 04 MIN	2009	49,47	109H 53 MIN
1980	65,57	157H 22 MIN	2010	48,61	106H 56 MIN
1981	62,36	149H 40 MIN	2011	49,35	108H 35 MIN
1982	54,74	131H 22 MIN	2012	47,08	103H 35 MIN
1983	73,56	176H 33 MIN	2013	48,44	106H 57 MIN
1984	81,10	194H 38 MIN	2014	47,64	105 H 21 MIN
1985	74,38	178H 30 MIN	2015 (3)	49,45	109 H 19 MIN
1986	78,89	189H 20 MIN	2016	51,87	114 H 12 MIN
1987	86,86	208H 28 MIN	2017	46,41	102 H 11 MIN
1988 ⁽²⁾	71,34	167H 48 MIN	2018	46,59	102 H 50 MIN

Fonte: DIEESE

Nota: (1) O DIEESE não possui os preços de 1964

(2) De janeiro a setembro, foi considerada a jornada legal de 240 horas. De outubro a dezembro, 220 horas.

(3) Percentual e jornada que consideram a série de dezembro recalculada pela mudança metodológica. Na série antiga, o percentual foi de 49,38% e a jornada de 109 horas e 05 minutos